

A POESIA COPISTA DA FUNÇÃO-AVATAR JOANIM PEPPERONI, PhD

CAIO PASSAMANI**

VITOR CEI**

RESUMO

A fantástica máquina da ensacar berros (2013), obra de estreia de Joanim Pepperoni, PhD, quando lida à luz do *Manifesto Copista* (2021), pode ser compreendida como uma forma humorística de escrita não criativa. Discutimos o modo satírico como o poeta, “gênio não original” (PERLOFF, 2010), atuando como uma “função-avator” (SCHONS; FUKUE, 2012), se insere em tendências contemporâneas como “poética da citacionalidade” e “literatura por apropriação” (VILLA-FORTE, 2019). A função-avator de Pepperoni, ocultando o ortônimo, ironiza a espetacularização do eu e promove o efeito estético do anonimato, questionando satiricamente o gesto da escrita original.

PALAVRAS-CHAVE: Citacionalidade. Função-avator. Poesia satírica.

Friedrich (1978) avalia que uma das principais características da *Estrutura da lírica moderna* é a despersonalização, separação entre o sujeito da lírica e a pessoa empírica do poeta, em direção oposta ao que pretendiam os românticos, para quem importaria a expressão da subjetividade das paixões pessoais na poesia.

A despersonalização da lírica moderna e contemporânea também é marcada por dissolução, fragmentação, deslocamento e estranhamento. Foi nessa perspectiva que entrou em cena o poeta fingidor, como aparece em “Autopsicografia” (1932), de Pessoa (1995), cuja heteronímia

* Mestre em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo/UFES, Vitória, Espírito Santo, Brasil.

E-mail: correiodoacio@outlook.com. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-1587-087X>.

** Professor Adjunto II da Universidade Federal do Espírito Santo/UFES, Vitória, Espírito Santo, Brasil.

E-mail: vitor.cei@ufes.br. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-6756-3236>.

representa os paradoxos e contradições de uma consciência dividida, expressando a impossibilidade da existência como unidade (PINTO, 1999).

Se na poesia de Fernando Pessoa cada heterônimo corresponde a um encaminhamento pulsional particular, sendo o ortônimo “Pessoa ele-mesmo” considerado uma personalidade ficcional tão heterônima quanto as outras (PINTO, 1999), na obra de Joanim Pepperoni, PhD também se percebem traços que remetem a essa estrutura da lírica moderna.

Na perspectiva da historiografia literária, a despersonalização e o uso de pseudônimos também costumam aparecer a favor da sátira e do humor caricatural, inclusive para representação da imigração italiana no Brasil. Nesse sentido, Pepperoni pode ser considerado sucessor de Juó Bananère (pseudônimo de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado), que apresentava com acidez aspectos do imaginário dos imigrantes italianos e seus descendentes em São Paulo (ARENDDT, 2020; DA ROLT, 2021).

Um diferencial do autor de *A fantástica máquina da ensacar berros* (2013) em relação a Fernando Pessoa e Juó Bananère é que ainda desconhecemos seu ortônimo. Além disso, ao mesmo tempo que se volta para o passado da tradição, encontramos a atualização das forças e formas poéticas em face do presente. O poeta está atento às correntes estéticas recentes do hiperdiscurso e da escrita não criativa, em uma tentativa de renovar tanto a poesia regional sul-rio-grandense quanto a poesia brasileira contemporânea.

O rosto do avatar Joanim Pepperoni, PhD é uma máscara de sabugo de milho com óculos escuros. Seus figurinos variam de terno e gravata com faixa presidencial a “composição brejeira semelhante a um matuto” (DA ROLT, 2021, p. 181). Nativo digital, ele estreou em 2009 no blog *A Terra da Cocanha* e em 2018 migrou para o blog *Infames infantes da crítica literária*. Pepperoni também publica nas redes sociais *Academia.edu*, *Instagram*, *Twitter* e *Facebook*. Nesta última, usa o nome Gianni Aparecido Pepperoni (supostamente porque o perfil original foi bloqueado sob acusação de ser um perfil falso).

Joanim Pepperoni, PhD estreou em livro com *A fantástica máquina de ensacar berros* (2013), publicado em encadernação xerocopiada, grampeada e distribuída gratuitamente. Desde então, o poeta-avatar publicou 12 livros individuais pela editora fictícia Prensa de Torresmos Cantina do Frei, compilados na *Obra reunida* (2022), que desde 2020 já recebeu três atualizações e está em sua 4ª edição, reunindo: *A fantástica máquina de ensacar berros* (poesia, 2013); *A lenda da polenta* (narrativa, 2013); *Viagem à roda do Rio Tegão* (novela, 2014); *Dom Chicote* (poema satírico, 2015); *A revolta do moinho* (dramaturgia, 2016); *Nane Cainha & Nane Hábil* (poesia épica satírica, 2020); *Rapa da panela* (poesia, 2020) *Tragédia no palco* (dramaturgia, 2020); *Nane Tamanca & os quarenta empreendedores* (novela, 2020); e *Joanim e a lamparina de querosene* (novela, 2020), *Chapeuzinho de Palha* (conto infantil, 2020) e *Prisão de ventre* (poesia, 2022).

Em performances corporais presenciais, o autor costuma fazer algumas aparições em feiras do livro e outros eventos literários de Caxias do Sul (RS). De acordo com o relato de Da Rolt (2021), Pepperoni esteve na premiação do 55º Concurso Anual Literário de Caxias do Sul, em junho de 2021, quando três poemas do autor (“Procura da polenta”, “Polenta à moda da Cocanha” e “Mignão”) foram premiados com a segunda colocação na categoria poesia.

A função-avatar Joanim Pepperoni, PhD, ocultando o ortônimo do(s) escritor(es) desidentificado(s), embaralha as fronteiras entre ficção e realidade, real e virtual, satirizando a espetacularização do eu e promovendo o efeito estético do anonimato. Com ironia, o poeta respondeu ao jornalista Marcos Fernando Kirst que pseudônimos “são úteis para fugir das bajulações e dos fuxicos da vizinhança. Porém, não dão a merecida glória pública ao seu ortônimo” (KIRST, 2020, n. p.).

Schons e Fukue (2012) cunharam o conceito de “função-avatar” para designar o sujeito-autor que, para se ver livre de amarras institucionais e seus sistemas de controle, utiliza-se de um avatar (o anonimato ou o *nickname*) que o substitui no ciberespaço. A diferença da função-avatar para

o pseudônimo literário é que a primeira é determinada pelas condições de produção da cibercultura, que propicia a existência pretensamente livre de um sujeito-autor no ciberespaço, em que a constituição de sua identidade se move, basicamente, pela virtualidade.

Por que falar em uma função-avator? Visto que a autoria sempre se configura como gesto de interpretação, é preciso reconhecer que todo processo de escrita é, concomitantemente, um processo de leitura. Há sempre uma relação simbólica entre um sujeito (que lê) e um sujeito (que escreve). Ao assumir a função-avator, o sujeito-autor pretende ser livre para dizer “aquilo que não convém dizer” ao sujeito-leitor (SCHONS, FUKUE, 2012, p. 354).

As considerações tecidas neste artigo preparam terreno para um novo enlace: avaliar o humor de *A fantástica máquina de ensacar berros* não só como contraponto à tão comentada visão fetichista da imigração italiana na Serra Gaúcha (ARENDDT, 2020; DA ROLT, 2021; MENDES JUNIOR; ARENDDT, 2022), mas especialmente como sátira a temas como autoria, subjetividade e originalidade.

O MANIFESTO COPISTA

A *Obra Reunida* (2022) de Joanim Pepperoni, PhD é uma antologia de gêneros literários distintos: o autor transita pela poesia, novela, teatro e pelo conto infantil. Em seus textos, o leitor conhece um universo particular cujo fio condutor é a cultura da imigração italiana na Serra Gaúcha. A antologia é aberta com a chistosa “Palavras do autor”, em que faz alegações fantasiosas de célebres escritores: “Disse Cervantes que escreveu *Dom Quixote* após violenta batida do hemisfério esquerdo da sua cabeça contra uma pedra de moinho” (PEPPERONI, 2022, p. 7).

Na peça teatral *A revolta do moinho*, o autor flerta com uma comicidade absurda porque altamente inverossímil: o personagem principal da peça – e mártir da revolução – é nada mais que um debulhador de milho maneta, como se fosse possível tal proeza com uma

só mão. *Joanim e a lâmpada de querosene* surge no horizonte como uma emulação bem-humorada de *Aladdin e a lâmpada maravilhosa* – célebre conto presente na coletânea árabe *As mil e uma noites*. Na adaptação de Pepperoni, o protagonista, em cuja casa “[...] tudo o que amealhava nos negócios durante o dia era totalmente consumido pela família no jantar” (PEPPERONI, 2022, p. 337), recorre à figura do gênio para se casar com a filha do rei Napoleão: a princesa Dulcimilha.

A antologia de poemas *A fantástica máquina de ensacar berros* abarca criativas adaptações de grandes versos da literatura brasileira, com os poemas “Sobre a saudade” e “As vantagens da Cocanha” – claras referências à “Canção do Exílio” (1846) e “Vou-me embora pra Pasárgada” (1930), de Gonçalves Dias (1959) e Manuel Bandeira (2014), respectivamente. Essa obra termina com duas adaptações divertidíssimas das orações do “Pai nosso” e da “Ave Maria” – seguindo a apologia humorística à culinária italiana, têm-se o “Polenta nossa” e o “Ave Polenta”. Seja em prosa, seja em verso, a criação de Pepperoni faz insistentes referências à culinária italiana – um dos pontos em que mais pesa a profunda comicidade de sua escrita. O riso em Pepperoni parece habitar a pretensa seriedade com que lança suas assertivas descompromissadas. Suas humoradas confabulações passam credibilidade ao leitor por se revestirem de ares doutos (ele se diz PhD) e emularem os patronos da literatura ocidental e brasileira.

Entre suas criações, há também aquelas que fogem à sombra da Cocanha e, nem por isso, são menos engraçadas do que todo o restante da obra. Por exemplo, em *Rapa de panela*, o poema “Da Damares” retoma, numa criatividade única, a atávica cantiga “A barata diz que tem”. Além disso, nem mesmo os elementos paratextuais escapam aos trocadilhos e às galhofas: o carimbo de identificação *ex libris* (Polenta com Pissacàn), o nome da editora que publica a obra (Prensa de Torresmos Cantina do Frei), a ficha catalográfica indicando a publicação em Polentawood, a classificação da obra como literatura cocanhesa, ou mesmo a criativa descrição do conselho “naneditorial”, composto por personagens fictícios (ou outros heterônimos, considerando-se que alguns deles assinam paratextos).

Não consta da *Obra reunida* a única publicação de Pepperoni assinada em coautoria, a plaquete digital *Manifesto copista* (2021), parceria com o “defunto autor” Messias Botnaro, que se apresenta como “[...] o primeiro escritor brasileiro vítima da Covid-19 e o primeiro a mencionar a pandemia em uma obra literária” (BOTNARO, 2020, p. 8). Botnaro é outra função-avator que também preserva o anonimato em publicações no ciberespaço (blog, *Instagram*, *Facebook*, *Twitter*), em sete livros digitais por editoras fictícias e três obras impressas por editoras brasileiras – *Minha Luta* (por em itálico) (2020), *Novo Febeapá* (2022) e *Armas e Rosas* (2022), remixando e satirizando a retórica do ódio do Presidente da República e de outras personalidades vinculadas ao governo Bolsonaro. Além do combate político evidente, a poética de Botnaro propõe uma reflexão irônica sobre poesia e escrita não criativa:

[...] no quadro geral da historiografia literária brasileira, especificamente da poesia, o que se tem percebido é a tentativa de apagamento da participação dos copistas e plagiários que oferecem genuínos testemunhos por apropriação e desapropriação. [...] o meu programa nacional de reforma literária é um dispositivo que regulamenta a desapropriação de poemas e outras políticas ligadas à distribuição de textos e o fomento da literatura por apropriação e desapropriação (BOTNARO, 2022, p. 13).

Essa poética copista foi elaborada em coautoria com Pepperoni no *Manifesto Copista*, irônica apologia do plágio e da cópia. A dupla de avatares incorpora em perspectiva satírica a lógica de pós-produzir, remixar e rearranjar textos da tradição. O estilo do texto é uma paródia do *Manifesto do Partido Comunista* (1848), de Marx e Engels (1998), e do *Manifesto antropófago* (1928), de Oswald de Andrade (1999):

UM FANTASMA RONDA A LITERATURA BRASILEIRA – o fantasma de Messias Botnaro. Todas as potências artísticas aliam-se numa sagrada comunhão com esse espectro: desde Joanim Pepperoni, Marcio Vaccari, Ricardo Lísias, Rodrigo Casarin, Caê Guimarães,

Gabriel Nascimento, Ronald Augusto, Saulo Ribeiro, Debora Rendelli e Junia Zaidan [...] O lado doutor, o lado citações, o lado autores conhecidos, verbetes de enciclopédia, leitores de jornais. Copiar. Só nos interessa o que não é nosso. Suprimamos as ideias novas e as outras paralisias. Antropofagia. Absorção do inimigo. Para o transformar em personagem. A humana desventura (PEPPERONI; BOTNARO, 2021, p. 5).

Essa irônica apologia do Ctrl+C e Ctrl+V indica que Pepperoni se insere satiricamente em tendências contemporâneas como “poética da citacionalidade” (PERLOFF, 2010), cultura *copyleft*, cultura do remix, movimento *open source*, escrita não criativa e literatura *sampler*, questionando permanentemente o gesto da escrita original: “ANTROPOFAGIA COPY LEFT EMULAÇÃO GAMBIARRA INTERTEXTO INTERMÍDIA MASHUP OPEN SOURCE PLÁGIO PARÓDIA REMIX” (PEPPERONI, BOTNARO, 2021, p. 4), registra o frontispício da plaquete.

Villa-Forte (2019) indaga que autor é esse que produz um objeto textual sem exatamente chegar a escrever? Assim como o DJ enxerga a música como um dado a ser manipulado e alterado, escritores contemporâneos imersos na cultura digital veem textos como peças de arquivo que podem ser selecionadas e rearranjadas em gestos de seleção e edição: “Toda a boa literatura que já li me constitui literariamente – desde Homero, até Messias Botnaro”, afirmou Pepperoni (KIRST, 2020). Enquanto o supracitado defunto autor produz textos inteiramente compostos por meio de apropriações (dos discursos bolsonaristas e da tradição literária), a obra do seu parceiro mescla a escrita original e a não original. Ambos incorporam em perspectiva satírica a estética da escrita não criativa:

Todos os direitos autorais invertidos. Copyleft, uso, cópia, modificações e derivações, distribuição não regulada ou comercialização. Liberdades de criação, distribuição e modificação produzidas a partir de ações colaborativas. Autoria sim, propriedade não. [...] Todos os direi-

tos autorais nas fossas nasais. [...] Livro é produto de elite. O Partido Copista dará livros de graça aos pobres, só para provocar os comunistas. Você pode fazer o que quiser com as nossas obras, pode copiá-las, difundi-las, modificá-las, mas não pode impedir outro de fazê-lo, isto é, não pode apropriar-se dela e impedir sua circulação, não pode colocar nela um *copyright* seu, senão te enrabamos (PEPPERONI; BOTNARO, 2021, p. 7).

O discurso sério-cômico do *Manifesto Copista* oferta subsídios para os poemas de *A fantástica máquina de ensacar berros* (2013), que se servem de intertextos diversos, que vão desde citações, emulações, remixes e pastiches às “[...] paródias e travestimentos de obras do cânone literário ocidental” (MENDES JUNIOR; ARENDT, 2022, p. 225), além de sátiras, montagens, edições e reposições de discursos (oriundos da imprensa, das redes sociais e da tradição literária).

A TERRA DA COCANHA

A obra de Joanim Pepperoni é marcada pela crítica satírica aos valores morais e histórico-culturais da região de imigração italiana do Rio Grande do Sul, especialmente a Serra Gaúcha, mas o poeta raramente faz menções diretas aos municípios que compõem a região, reorganizando-a ficcionalmente com nomes como Polentawood, Farofilha e Bentopolentópolis, trocadilhos que fazem referência à gastronomia ítalo-brasileira (ARENDT, 2020, p. 110; DA ROLT, 2021, p. 188).

A paródia não original desmantela a visão idealizada e acrítica do legado da imigração europeia. Através da verve humorística de Pepperoni, a Serra Gaúcha transfigura-se na maravilhosa Terra da Cocanha, em que tudo que se planta dá. Satiriza, assim, o mito medieval – mobilizado no final do século XIX para incentivar italianos a emigrar para a América – segundo o qual haveria uma terra de prazeres e abundância, harmonia social entre habitantes valentes e cortesões, liberdade sexual e fartura

alimentar sempiterna, pois existiriam rios de vinho, colinas de queijo e fontes da juventude (ARENDDT, 2020; ECO, 2013; LE GOFF, 2013).

A narrativa acerca deste país das maravilhas remonta a um conto versificado, escrito em francês antigo por volta do século XIII. Não há consenso frente à origem etimológica do termo “cocanha”, malgrado as tentativas filológicas de associá-la à cozinha. Segundo a estória, certo viajante, a fim de pagar uma penitência papal, deu com essa terra maravilhosa, na qual quem mais dorme, mais ganha – uma possível crítica à figura do usurário, historicamente polêmica, que “engorda” enquanto dorme. Para além das noções acima atribuídas à Terra da Cocanha, Jacques Le Goff salienta: nela, dinheiro tinha pouca serventia, porque “tudo é gratuito neste país onde nada se compra e nada se vende” (LE GOFF, 2013, p.65).

Sonho utópico de fartura e serenidade, o imaginário da *terra cocanhae* é solo fértil para discorrer sobre as grandes mazelas da humanidade; afinal, a generosa descrição dessa terra mitológica faz dela um arquétipo avesso da realidade tal como se apresenta – isto é, falha. Joanim Pepperoni soube disso e usou tal percepção como ferramenta para suas críticas bem-humoradas.

Na introdução de *A fantástica máquina de ensacar berros* (2013), o autor apresenta uma bem-humorada descrição para o verbete “Cocanha”, misturando dados reais com invencionices:

A palavra Cocanha: o mesmo que Cocagne, Cockayne, Cuccagna, Chacona; também conhecida como Mérica; corruptela da palavra calcanhar (colcanhar, cocanhar, cocanha); por alguns hábitos, colônia; terra maravilhosa em que se verifica uma inversão violenta da realidade vivida; pau-de-sebo para os vizinhos caipiras; arbusto em cujos galhos crescem toda sorte de salames e queijos; vulcão que expele ininterruptamente fiorins de ouro; rio cujas águas são feitas de molho de tomate; montanha de farinha coberta com queijo parmesão; empreendedorismo; vida de aparências; esperteza; fortuna fácil; ócio; quem mais pega, mais possui; etc. etc.; (PEPPERONI, 2022, p. 15)

Pepperoni satiriza os costumes cristalizados pelo tempo na região da Serra Gaúcha, tendo como recurso uma presença perene de trocadilhos, uma comicidade anafórica que retoma conjunturas sócio-políticas atuais, cânones da literatura mundial e, até mesmo, estórias pertencentes ao imaginário infantil. Assim, o autor converte em hipérbole a importância do milho e de seus derivados como fontes de alimento e de renda durante o processo de colonização e reconstrói, em chave humorística, os precários utensílios de trabalho desenvolvidos pelos colonos para cultivo da terra quando de sua chegada à região sul do Brasil. Detalhe algum dos usos e costumes da chamada “Terra da Cocanha” parece lhe escapar.

A FANTÁSTICA MÁQUINA DE ENSACAR BERROS

De um modo geral, pode-se afirmar que o riso é o enlace último dos textos que compõem a *Obra Reunida* de Joanim Pepperoni, PhD. Como sua produção é múltipla e extensa, atem-se aqui a uma apreciação de certos poemas de *A fantástica máquina de ensacar berros*, publicado pela primeira vez em 2013.

Essa poética copista, carregada de gracejos nas linhas e nas entrelinhas, tem como subtítulo “relatório de pesquisa” – o que, em si, é um cômico disparate por destoar da ludicidade que pauta suas críticas sociais. Motivo de riso, a pretensa seriedade de que se vale Pepperoni jamais sai de cena. O PhD de Polentawood não perde a compostura: retoma a importância dos grandes tratados filosóficos ao intitular vários de seus poemas “De”, ou “Sobre”. De caráter descritivo, eles se demonstram despretensiosos porque contingentes; isto é, há zero aspiração de se explicar – suas assertivas desprezam pretensões de exatidão e acurácia científicas; está além delas. E é exatamente por isso que a obra é tida como “relatório de pesquisa” – Pepperoni flerta a todo o momento com o avesso para colocá-lo em posição de escárnio.

Suas dedicatórias e agradecimentos retomam a importância da cultura italiana em terras brasileiras – a reiteração doentia dessa cultura

é um dos altos pontos de sua comicidade: tudo é motivo para consoantes duplicadas (“nn”, “ll”, “ss”, “tt” ...); e nomes e sobrenomes sempre a retomar guarnições típicas, ou frutos desta terra benquista. Veja-se o agradecimento de *A fantástica máquina de ensacar berros*:

Sinceros agradecimentos
aos meus interlocutores (n)ativos:
Crocefissa e Cherubino;
Ecclesio e Immacollatta;
Veneranda e Seraffino;
Salvatore e Illuminata (PEPPERONI, 2022, p. 13).

Na “Apresentação” do livro, o autor afirma que para o leitor decifrar o livro “[...] é sumamente importante que ele saiba algumas informações científicas e históricas da Terra da Cocanha” (PEPPERONI, 2022, p. 14), como coordenadas geográficas e altitude¹, etimologia e fundação histórica. A seção também apresenta constatações pretensamente antropológicas que revelam críticas contundentes aos nativos de sua terra.

Os cocanhese engravidam suas esposas e depois vão para “casas de massagem” (PEPPERONI, 2022, p. 16), isto é, relegam a figura feminina a uma maternidade solitária, reforçando a ideia de que “o filho é da mãe, não do pai”. Por trás do véu, o cômico denuncia o trágico: negligência e irresponsabilidade como marcas dos inconsequentes. Na vida pública, a aparência ludibria. Confrades e comadres ostentam vestimentas que não condizem com a realidade – são seus “[...] frufus que cheiram ao mofo dos porões misturado à naftalina” (PEPPERONI, 2022, p. 16).

O endereçamento, mais uma vez, é sutil. O cômico em Pepperoni reside também aí: suas críticas são sugestivas. Como ironista, quicã moralista, quer denunciar e abalar os valores socialmente partilhados, mas o autor se resguarda de réplicas acusatórias. Não há razão para um grupo

¹ Uma breve pesquisa revela que tais informações (latitude: 29° 10' 05" S; longitude: 51° 10' 06" W + 817m de altitude), sugeridas pelo PhD, são as de Caxias do Sul (RS).

específico se ofender; afinal, o poeta se refere aos habitantes da Terra da Cocanha, que só existe na ficção.

A fantástica máquina de ensacar berros inicia com o “Hino da Terra da Cocanha”, uma espirituosa emulação do hino nacional que enseja alguns comentários. Abrir a obra com esse poema não parece ser escolha contingente. De forma tácita, é retomada a figura dos documentos oficiais de uma nação – sempre a apresentar, no início ou no fim, os versos incumbidos de exaltar as próprias terras. Atribui-se a tais odes nacionais um valor inestimável, o que habitualmente as coloca em um patamar extraordinário. A população reverencia-as com ares do sagrado – terra fértil para o pândego autor, que dessacraliza satiricamente. Como dito anteriormente, detalhe algum do quotidiano parece lhe escapar. Audacioso, Pepperoni parodia o hino nacional brasileiro – com direito à parte I e parte II, como demonstram os excertos:

Parte 01

[...]

Pujante pela própria natureza,
és farta de materno colostro,
e o teu ravióli espelha essa grandeza.
Terra adorada,
entre outras mil
tu és *fiorim*,
Cocanha amada!
Do milho deste solo é mãe gentil,
p’lenta assada e
febril!

Parte 02

[...]

Mas, se ergues da cobiça a clava forte,
verás que um filho teu não foge à luta,
nem treme quem revende a própria *Mama*.

Terra adorada,
entre outras mil
tu és *fiorim*,
Cocanha amada!
Do milho deste solo é mãe gentil,
p'lenta cortada
com fio!
(PEPPERONI, 2022, p. 18-19)

A noção de que qualquer ajuda pressupõe pagamento é o cerne do poema “O espírito de cooperação” – uma paródia de “Cidadezinha qualquer”, de Carlos Drummond de Andrade. Em Pepperoni, o retrato drummondiano do marasmo cede lugar para uma crítica às relações interpessoais por interesse. Uma breve consulta ao dicionário, e “cooperação” revela-se como operar simultânea e coletivamente; trabalhar, laborar, em conjunto. Absurdo ou irônico, o insólito marca esta sociedade em que a paga é condição *sine qua non* da ação coletiva:

Casas entre parreiras...
mulheres sob videiras...
podar colher pisotear...

Um homem vai ajudar.
Um cachorro vai ajudar.
Um burro vai ajudar.

Ajudar... os vizinhos até ajudam.
– Mas quanto tu paga, *bestia!*?
(PEPPERONI, 2022, p. 21)

Drummond e Pepperoni usam a intertextualidade para ironizar a “vida besta” – romântica e cocanhesa, respectivamente. A estrutura sintático-semântica do poema do mineiro refere-se a “Meus Oito anos”, de Casimiro de Abreu (1859), em tom pejorativo, enquanto no poema

supracitado do avatar a condição do pagamento desconfigura a noção de “colaboração”, que carrega a noção de ajuda mútua.

A iconoclastia segue em “Sobre a fartura”, poema que enseja retomar uma das prédicas que Jacques Le Goff atribui à Terra da Cocanha. De acordo com o historiador francês, “este país é tão rico que se encontram nos campos muitas bolsas cheias de moedas, inclusive moedas de ouro estrangeiras, os morabitanos e os besantes, mas elas não servem de nada, pois tudo é gratuito neste país onde nada se compra nem se vende” (LE GOFF, 2013, p. 64). No contexto da narrativa medieval, a crítica era voltada “à grande explosão monetária do século XIII” (LE GOFF, 2013, p. 65). Em Pepperoni, diferentemente da narrativa maravilhosa tradicional, a ganância incorpora a noção dos habitantes da Cocanha, que barganham para faturar, malgrado “nunca lhes faltar banha” e tomarem “as nuvens por lasanha”:

Nesta Terra da Cocanha,
tomam estrelas por pepitas,
por *fiorim* de ouro a lua
e as nuvens por lasanhas.

Nesta Terra da Cocanha,
produzem água em pipas,
colhem *radicci* nas ruas
e nunca lhes falta banha.

E por incrível que pareça,
nesta Terra da Cocanha,
aquele que mais fatura
é quem mais barganha.
(PEPPERONI, 2022, p. 22)

Os habitantes da Terra da Cocanha são tidos como ambiciosos, sovinas e desonestos; buscam atalhos para o enriquecimento, imitando antepassados e barganhando com vizinhos, de modo que sabem um

pouco de tudo e nada em profundidade: “como não existe preocupação com a educação formal, todos ‘mexem’ com alguma coisa” (PEPPERONI, 2022, p. 16).

A indolência satirizada faz lembrar o “jeitinho brasileiro”, da busca nacional pelo lugar ao sol através de meios insidiosos. Além disso, faz um contraponto ao discurso fascista que procura exaltar as qualidades nacionais e étnicas italianas, enaltecendo a laboriosidade do italiano e dos colonos (imigrantes e seus descendentes) que ocuparam as terras no Rio Grande do Sul, contribuindo para crescimento econômico e o progresso social em Caxias do Sul e arredores (BENEDUZI, 2011).

Enquanto o imaginário fascista da italianidade como crença na superioridade da cultura ocidental promove o trabalho do imigrante italiano com entusiasmo, como “um sinal indelével do vigor da raça” (BENEDUZI, 2011, p. 4), a poesia copista de Pepperoni é antifascista e sempre satiriza a romantização e idealização do trabalho do imigrante:

Um poeta certa vez
cantou desta aldeia:
“Pelo trabalho laborioso
sem sombra de talvez
a uma colmeia semelha”.

No entretanto, canto eu,
galhofo e cheio de senões:
“Pelo trabalho aqui obrado
trata-se de uma colmeia
de esfomeados zangões”.
(PEPPERONI, 2022, p. 23)

O poeta desidentificado pode ser qualquer um que aderiu ao discurso corrente da celebração fascista do ciclo da colonização italiana no Rio Grande do Sul. A apologia eurocêntrica da chegada do europeu distorce o sentido de nossa experiência histórico-cultural, menospreza

o genocídio e etnocídio dos povos indígenas da região e promove o *encobrimento do outro* (DUSSEL, 1994)

O eu lírico compara o trabalho realizado em sua terra bem-aventurada a uma colmeia de esfomeados zangões. Ora, na entomologia, o zangão é o macho das diversas espécies de abelhas sociais cuja função é exclusivamente de reprodutor, sem participação na produção de mel e manutenção da colmeia. Cabe às abelhas operárias a responsabilidade de alimentá-los. Por extensão de sentido, zangão designa o indivíduo que vive a expensas de outrem, ou explorando de forma constante benefícios ou favores alheios. Assim, eis uma possível interpretação para estes versos: trata-se de criativa alegoria da indolência característica de alguns homens da Terra da Cocanha.

Já no poema “Sobre o empreendedorismo”, o poeta brinca com o típico cocanhês: avaro, que trabalha de tamancas para não gastar a sola de suas botas e come casca de mandioca para poupar a farinha (PEPPERONI, 2022). E justamente por causa da avareza, combinada com a esperteza, que o “Nane” inventou uma *macchina* para ensacar berros. Trata-se de uma metáfora hiperbólica da ganância: ao trabalhar no abate de animais, faz-se premente aproveitar tudo. Do porco esfolado, dá pena desperdiçar os seus gritos – numa corrida lunática pelo lucro, inventar-se-ia uma máquina para ensacá-los. Empreendedorismo visionário:

Pra não gastar as botinas,
de tamancas vai pra roça
E pra poupar na farinha
come casca de mandioca

Mas o que tem de sovina
o Nane tem de esperto:
inventou *una macchina*
pra “chover no deserto”

Um invento, por suposto,
de muito lucro e sincero:

enquanto ele esfolo o porco
a *macchina* ensaca o berro
(PEPPERONI, 2022, p. 41)

A denúncia de um contrassenso comportamental é a marca de “Nota sobre o trânsito”. O poema revela que, ao volante, os cocanhese – malgrado não saberem aonde ir ou sequer terem hora marcada – não querem “chegar atrasados / nem chegar depois dos outros” (PEPPERONI, 2022, p. 46). Mais uma prédica de declínio para os habitantes da Cocanha: caracterizados por uma competitividade automatizada, não sabem lidar com contratempos, perdas e fracasso. Reflexo dos dias correntes, essa população desconhece a linguagem da alteridade. Nada mais que outra faceta do egoísmo:

Nas toscas avenidas
os cocanhese ao volante
são dignos de nota
por sinal interessante

Ninguém tem hora marcada
nem sabe aonde vão os outros
Mas por questão de princípio
ninguém quer chegar atrasado
nem chegar depois dos outros
(PEPPERONI, 2022, p. 46)

O riso, por fim, é garantido na quarta estrofe do poema “Anotações sobre o chutebol”, em que, assistindo a uma partida esportiva, o impetuoso “Pepe já desfia seu rosário / mandando a Madonna ao Diabo” (PEPPERONI, 2022, p. 47). Contudo, são as duas últimas estrofes que apresentam o porquê do vocábulo “chutebol” – discordâncias quanto à questionável imparcialidade do juiz (foi ou não foi logrado?) acabam em conflitos físicos. Nas palavras de Joanim,

[...]
a torcida invade o campo,

desce a colher da polenta
Voam tampinhas de joelhos
cabelos, dentes e orelhas

E cada qual já tira a limpo
as dívidas com seu vizinho:
um porque diz que foi logrado
outro porque lhe azedou o vinho
(PEPPERONI, 2022, p. 47).

O exagero encontra o cômico no imaginário que o autor sugere ao leitor. Nesta altura da discussão, e diante dos exemplos trazidos a lume, tem-se claro isto: a obra de Joanim Pepperoni expressa a sua visão tragicômica da vida. Ao mesmo tempo que enseja risos sobre a conduta humana, apresenta uma complicada trama de fatores morais que apontam as dores e misérias do ser humano.

A abundante *terra cocanha* é lugar fértil para a sedimentação dos vícios humanos – afinal, como apregoa o dito popular, “mar calmo nunca fez bom marinheiro”. Tal é o cenário para o autor tecer suas considerações críticas e bem-humoradas sobre os comportamentos sociais. O comodismo, o egocentrismo e a lassidão da Cocanha reverberam e fazem morada nos quatro cantos do mundo – principalmente em terras verde-e-amarelas. Aqui, como na terra mitológica da fartura, vale a máxima “farinha pouca, meu pirão (minha polenta) primeiro”. Em verdade, a “farinha” nem precisa ser pouca para a perpetuação da conduta reprovável. Diante dessa (des)conjuntura, o autor opta por uma postura afirmativa da vida, satirizando a sina indelével: rir pra não chorar.

O humorista Joanim Pepperoni rebela-se contra a ordem das coisas, sacudindo e incomodando o repouso da velha tolice humana. Consciente de que “O riso é a mais antiga e ainda a mais terrível forma da crítica” (QUEIRÓS, 1947, p. 36), ele insere-se na tradição de escrita que sempre usou o riso enquanto arma filosófica.

O indivíduo que adota uma postura bem-humorada perante os percalços da vida inova. O humor traz um quê de inesperado à forma

como respondemos às adversidades, uma nova perspectiva para se enxergar a pedra no meio do caminho. Face à conjuntura vigente, em que a seriedade e a casmurrice balizam a forma como lidamos com a dor e com as frustrações em geral, a alternativa cômica configura-se como saída criativa e inteligente, criando pontes que ligam o comum e o banal ao incomum e ao surpreendente (MARMYSZ, 2003).

Embora as incongruências do mundo e a carência de porquês para nossa claudicante condição axiológica nunca saiam de cena, o riso possibilita analisar a situação por outra óptica, outro prisma e, assim, conceber as mais duras experiências como oportunidades construtivas que afirmem a vida.

THE COPYIST POETRY OF THE AVATAR FUNCTION JOANIM PEPPERONI, PHD

ABSTRACT

A fantástica máquina da ensacar berros (2013), debut work by Joanim Pepperoni, PhD, when read in the light of the *Copyist Manifesto* (2021), can be understood as a humorous form of non-creative writing. We discuss the satirical way in which the poet, “unoriginal genius” (PERLOFF, 2010), acting as an “avatar-function” (SCHONS; FUKUE, 2012), inserts himself in contemporary trends such as “literature by appropriation” (VILLA-FORTE, 2019). Pepperoni’s avatar-function, hiding his orthonym, mocks the spectacularization of the self and promotes the aesthetic effect of anonymity, satirically questioning the gesture of the original writing.

KEYWORDS: Citationality. Function-avatar. Satirical poetry.

LA POESÍA COPISTA DE LA FUNCIÓN AVATAR JOANIM PEPPERONI, PHD

RESUMEN

A fantástica máquina da ensacar berros (2013), obra debut de Joanim Pepperoni, PhD, cuando se lee a la luz del *Manifiesto Copista* (2021), puede entenderse como una forma humorística de escritura no-creativa. Discutimos la forma satírica en

que el poeta, “genio no original” (PERLOFF, 2010), actuando como una “función-avataar” (SCHONS; FUKUE, 2012), se inserta en corrientes contemporáneas como la “literatura por apropiación” (VILLA-FORTE, 2019). La función-avataar de Pepperoni, ocultando el ortónimo, se burla de la espectacularización del yo y promueve el efecto estético del anonimato, cuestionando satíricamente el gesto de la escritura original.

PALABRAS CLAVE: Citacionalidad. Función avataar. Poesía satírica.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald. Manifesto antropófago. *Nuevo Texto Crítico*, ano XII, n. 23/24, p. 25-31, 1999.

ARENDRT, João Claudio. “De tudo, à polenta ficarei atento”: notas sobre a obra do escritor cocanhês Joanim Pepperoni, PhD. *Odisseia*, Natal, v. 5, p. 106-126, jul. /dez. 2020.

BANDEIRA, Manuel. *Libertinagem*. São Paulo: Global, 2014.

BENEDUZI, Luis Fernando. Festa da Uva e política fascista: narrativa de operosidade e resgate de italianidade. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26, 2011, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: ANPUH-SP, 2011. p. 1-11.

BOTNARO, Messias. *Minha luta*: obra reunida. Vitória: Cousa, 2020.

BOTNARO, Messias. *Novo Febeapá*. Joinville: Clube de Autores, 2022.

BOTNARO, Messias. *Armas e rosas*: poesia de testemunho por desapropriação. Vitória: Pedregulho, 2022.

DA ROLT, Clóvis. Sátira cultural, letras jocosas e peripécias bufoliterárias em Joanim Pepperoni, PhD. *Antares*, v. 13, n. 31, p. 174-196, set./dez. 2021.

DIAS, Gonçalves. *Poesia completa e prosa escolhida*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

DUSSEL, Enrique. 1492. *El encubrimiento del otro*: hacia el origen del “mito de la Modernidad”. La Paz: Plural Editores, 1994.

ECO, Umberto. *História das terras e lugares lendários*. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*: da metade do século XIX a meados do século XX. Tradução Marise M. Curioni. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

LE GOFF, Jacques. *Heróis e maravilhas da Idade Média*. Tradução Stephania Matousek. Petrópolis: Vozes, 2013.

MARMYSZ, John. *Laughing at nothing*: humor as a response to nihilism. Albany: State University of New York Press, 2003.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. Tradução Marcus Vinicius Mazzari. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 12, n. 34, p. 7-46, 1998.

MENDES JUNIOR, Jerson Oliveira; ARENDT, João Claudio. A sátira como instrumento de denúncia política e luta social na obra literária de Joanim Pepperoni, PhD. *Caderno de Letras*, Pelotas, n. 42, p.219-235, jan. /abr. 2022.

KIRST, Marcos Fernando. Joanim Pepperoni reúne suas obras em volume único. *Silvana Toazza*, Caxias do Sul, 5 out. 2020. Disponível em: <https://www.silvanatoazza.com.br/noticias/detalhe/joanim-pepperoni-reune-suas-obras-em-volume-unico>. Acesso em: 6 jul. 2022.

QUEIROZ, Eça de. *Notas contemporâneas*. Porto: Lello & Irmão, 1947 (Obras de Eça de Queiroz: volume X).

PERLOFF, Marjorie. *Unoriginal Genius*: Poetry by Other Means in the New Century. Chicago: The University of Chicago Press, 2010.

PEPPERONI, Joanim. *Obra reunida (2013-2023)*: quarta edição requeitada e ampliada. Polentawood. Joinville: Prensa de Torresmos Cantina do Frei; Clube de Autores, 2022.

PEPPERONI, Joanim; BOTNARO, Messias. *Manifesto copista*. Polentawood: Prensa de Torresmos Cantina do Frei, 2021. Disponível em: <https://messiasbotnaro.wordpress.com>. Acesso em: 18 jul. 2022.

PEPPERONI, Joanim. *Infames infantes da crítica literária*, 2020. Disponível em: <http://infamesinfantesdacriticaliteraria.blogspot.com> Acesso em: 18 jul. 2022.

PEPPERONI, Joanim. *A Terra da Cocanha*, 2017. Disponível em: <http://aterradacocanha.blogspot.com> Acesso em: 18 jul. 2022.

PESSOA, Fernando. *Poesias*. 15. ed. Lisboa: Ática, 1995.

PINTO, Madalena Vaz. A festa da fragmentação. *Cult*, São Paulo, p. 48-49, 1999.

SCHONS, Carme Regina; FUKUE, Mário Rafael Yudi. Noções introdutórias sobre a função-avatar e o hiperdiscurso. *Signum*, Londrina, v. 15, n. 3, p. 343-360, dez. 2012.

VILLA-FORTE, Leonardo. *Escrever sem escrever: literatura e apropriação no século XXI*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Belo Horizonte: Relicário, 2019.

Submetido em 19 de julho de 2022

Aceito em 05 de novembro de 2022

Publicado em 29 de janeiro de 2023
